

Francisco Tribuzi e o tempoema

Por César William
Especial para O IMPARCIAL

Nada há de trivial em se narrar a trajetória de um poeta sem macaquear grandes ensaístas ou sem costurar sobre alinhavos de erudição visivelmente aturdida por quem a seqüestra. Nada há de errado também em se erguer para colher ainda no ar um balão que trás em seu bojo o gás lírico da poesia e que há de ser estourado em momento certo sem aplausos que o inibam e sem apupos que o torne murcho, sem preñez e sem parto.

Vinte e três anos foi o tempo que levou para que FRANCISCO TRIBUZI, poeta de um lirismo profundo, enchesse a sua bexiga estilística outra vez com o gás doce da sua contudente lírica, "percebendo detalhes que vão além do verbo, no horizonte do poema." 23 anos o tornam 23 vezes mais poeta, mais repórter das coisas da alma, mais cronista das coisas simples que ornamentam o viver.

De uma geração que não se dissipou com o tempo e que não deixou seus balões carentes do hélio da linguagem nem asfixiados pelos ares das inovações ou caídos mortos nos saguões dos experimentalismos, FRANCISCO TRIBUZI foi o que menos enfeitou os céus de Atenas, e nem por isso deixou de soprar suas canções, engravidando outros balões de paz para um estrondar sereno, liberando ternura, fragrância maior em sua poesia.

Nascido no berço da poesia e embalado por ela, FRANCISCO TRIBUZI, depois de ter lançado VERBO VERDE, em 1978, parte para mais uma arriscadíssima missão: a de confirmar que de fato é poeta e de que não havia se esquivado da função intransferível, que é o fazer-se com versos nos diversos âmbitos da proclamação poética.

Prova disso são as constantes premiações com que tem sido agraciado numa congratulação enriquecedora do seu currículo de vate. Presente em quase todas as antologias dos últimos anos e com participação em vários festivais locais e nacionais, FRANCISCO TRIBUZI tem ganhado títulos, vencendo festivais de poesia aqui e fora desta terra sousandrina. Como exemplo dessas benesses podemos citar a feliz premiação que recebera recentemente do I Festival de Poesia promovido pelo Núcleo de Vivência Cultural do CEFET com o poema DELÍRIUM, texto equacionado entre doce e o amargo, algo "distorcendo o mundo no perdido centro." É um intimismo condutor de asas que sustentam vãos que não em vão se aperfeiçoam no inclínio do esvoaçar do sentimento maior de seu viver poético:

sua fuga para dentro de si mesmo, perdido num mosaico de solidão, onde o verso às vezes é algema, outras vezes só perdão.

Somando-se a esse mais recente título há ainda: menção honrosa especial do 5º concurso nacional de poesia do Instituto da Poesia Internacional (Porto Alegre - RS), 1º lugar no concurso de poesia "Dia de Luz" com o poema Delírio Tremens, medalha de ouro no 18º Concurso Nacional de Poesia (Revista Brasília), dentre outras premiações, porém o maior prêmio de fato é aquele que o tempo lhe concede: o de fiel militante da poesia ao longo desses anos, vencendo intempéries e vilas filhas da gratuidade indesejável que às vezes chega igual a fungo sem pedir licença e querendo instalar-se, mas o sol da poesia a expurga para elegê-lo Poeta, e agora também contista.

Eis que o brasão da poesia de Hora de Guarnicê ou do Antroponáutica está aceso, sendo emblemático de uma geração de monstros batizados pelo espírito da palavra santificada pelos seus pares: Raimundo Fontenelle, Rossini Corrêa, Cunha Santos Filho, Chagas Val e Luís Augusto Cassas - esse tanto de paz metralhando poesia no cosmo.

E é nessa nova peregrinação da palavra que FRANCISCO TRIBUZI deixa ser fecundada e forjada com a bigorna ignescente da angústia e da expectativa a cidadela dos sonhos e das amargas ilusões de que se compõe toda a sua tessitura artística.

Desconfiamos de que o autor em voga, na época em que publicara VERBO VERDE apresentou ao mundo das letras poemas que ainda não deveriam ter saído de sua oficina, não por



serem maus poemas, mas pelo fato de o livro ter sido publicado um ano após a partida do autor de BREVE MEMORIAL DE UM LONGO TEMPO, talvez a ida repentina do pai tenha alterado seu trajeto poético e até mesmo o comprometido toda a sua produção no que consiste a sua lente lírica, a sua forma de fotografar o mundo.

Mas ele parece não se preocupar com certos comentários, mesmo ouvindo e respeitando a todos, é que ele tem a consciência de que nada irá macular ou tornar mais alvo o véu que reveste a sua poesia - necessidade divina que o acolhe nos becos do existencialismo estrangulador de momentos vis.

E para congratulá-lo e felicitá-lo pela chegada de seu mais novo livro, TEMPOEMA, que há de ser publicado brevemente e com urgência de parto, deixaremos aqui a mensagem de Rainer Maria Rilke feita àquele jovem poeta das cartas, e que a mesma sirva para todos nós:

"Nada há menos apropriado para tocar numa obra de arte do que palavras de crítica, que sempre resultam em mal entendidos mais ou menos felizes. As coisas estão longe de ser tão tangíveis e dizíveis quanto se nos pretenderia fazer crer; a maior parte dos acontecimentos é inexprimível e ocorre num espaço em que nenhuma palavra nunca pisou." Boa sorte, Poeta e seja bem-vindo outra vez ao universo dos que se arriscam e teimam em publicar poesia, vencendo a indiferença de uns e o unilateralismo doentio de outros.